

A relação sociedade-natureza no ensino do jornalismo¹

Míriam Santini de Abreu

(Universidade do Estado de Santa Catarina / UDESC)

A crise climática visibiliza de modo contundente a relação entre sociedade e natureza sob a atual fase do modo de produção capitalista. Fenômenos como enchentes e secas cada vez mais frequentes e intensos são expressões desta realidade e recebem cobertura jornalística episódica em Santa Catarina. A preocupação desta Comunicação Científica é apresentar caminhos para o ensino do jornalismo no estado abrir-se a esta realidade e à complexa formação socioespacial catarinense e a partir dela incorporar (adicionar algo novo a determinado ser ou corpo, conjunto ou realidade) o cotidiano e o espaço (como produto social) na totalidade do curso e na formação integral do estudante.

Poderia se advogar a necessidade de os cursos oferecerem disciplinas como jornalismo ambiental, especialização jornalística consolidada no Brasil no último quarto do século XX. Mas iniciativas nesta direção em Santa Catarina revelam-se episódicas e ineficazes para enriquecer, como os estudantes, a experiência do corpo no espaço e no cotidiano. São iniciativas que exibem magros resultados no ensino, na pesquisa e na extensão e morrem pouco a pouco no curso dos semestres. Há que investigar até que ponto esta constatação se reflete na cobertura jornalística, por sua vez mediada pelos interesses empresariais, visto que da década de 1980 para cá foram diminuindo as iniciativas de cadernos, editoriais ou mesmo coberturas mais abrangentes com pauta ambiental.

Para apresentar dados, realizou-se investigação específica sobre as pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e nos repositórios institucionais das universidades públicas (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS e Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC) e do Sistema Acafe (Associação Catarinense das Fundações Educacionais), a partir do termo “jornalismo ambiental”. Cabe citar que nem todos os repositórios das universidades comunitárias (Sistema Acafe) são abertos para não-membros da comunidade acadêmica e nem apresentam a totalidade dos trabalhos produzidos por aquelas universidades. Para

¹ Resumo expandido de Comunicação Científica apresentado no GP Ensino de Ética e de Teorias do Jornalismo no VII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejour Sul).

ampliar o escopo de materiais, recorreu-se às referências bibliográficas dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), dissertações, artigos e livros encontrados sobre o tema. A partir daí, organizou-se repositório de pesquisas² na perspectiva do Estado da Arte e o Estado do Conhecimento, para “rever caminhos percorridos, portanto possíveis de serem mais uma vez visitados por novas pesquisas, de modo a favorecer a sistematização, a organização e o acesso às produções científicas e à democratização do conhecimento (SILVA et al, 2020, p.2).

O levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, realizado em agosto de 2024, com o termo “Jornalismo ambiental” apresentou 194 resultados. Refinados por Instituição, especificamente a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Regional de Blumenau (FURB) – as duas únicas de Santa Catarina relacionadas –, o resultado baixou para 10. A leitura do material, porém, mostrou que apenas 4 tinham relação com o termo pesquisado, todas elas dissertações de mestrado.

A ampliação da busca, conforme os critérios já indicados, revelou a existência de 7 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), 6 dissertações (inclusive as 4 já mencionadas), 11 artigos e 2 livros. A mais antiga pesquisa localizada foi dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, em 2004, analisando o discurso jornalístico sobre o desenvolvimento sustentável em dois veículos impressos, a qual foi publicada em livro em 2006. A mais recente, de 2024, foi outra dissertação de mestrado com ênfase nos direitos humanos e da natureza sob a perspectiva de dois grupos de mídia de Santa Catarina, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.

Na análise dos materiais, percebe-se que a revisão bibliográfica das pesquisas traz o conhecimento do jornalismo em geral e do jornalismo ambiental em particular, mas as pesquisas, independentemente da orientação teórico-metodológica e dos objetos empíricos, em geral não dialogam com trabalhos anteriores, ainda que poucos, produzidos no estado. A mais recente pesquisa encontrada, da jornalista Camila Collato, dialoga com trabalhos anteriores e conclui o seguinte em relação à cobertura dos jornais *A Notícia* (AN), *Diário Catarinense* (DC) e *Jornal de Santa Catarina* (JSC), no período de 2014 a

² As pesquisas encontradas estão disponíveis em https://jornalismoambientalsc.blogspot.com/p/pesquisas_99.html

2018: a) a cobertura privilegia uma constituição antropocêntrica de sentidos, apoiando-se em uma base científica moderna em relação ao meio ambiente, sendo este abordado majoritariamente por meio do dualismo humano x Natureza; b) é fragmentária, ao apresentar uma baixa interlocução entre áreas de conhecimento e saberes e; c) por vezes, é fatalista, ao furtar-se do papel de fomentador de um debate público crítico sobre responsabilidades e possíveis soluções diante dos problemas ambientais enfrentados pela população.

É uma pesquisa importante por apontar as limitações da cobertura jornalística sobre a relação sociedade-natureza em Santa Catarina. Destaca-se que, nos anos de 1978 e 1979, havia duas páginas inteiras dedicadas ao meio ambiente no *Jornal de Santa Catarina*, publicadas no final de semana com edição do jornalista blumenauense Moacir Loth em parceria com a Associação Catarinense de Preservação da Natureza (Acaprena), fundada em 1973. Provavelmente trata-se de uma das primeiras iniciativas no país de uma editoria dedicada exclusivamente ao meio ambiente. Segundo Loth (2023), essa editoria alçou, involuntariamente, o *Jornal de Santa Catarina* na vanguarda do que seria mais tarde conhecido como jornalismo ambiental.

Atualmente, no estado, o site do jornal *O Blumenauense* tem uma aba específica denominada Meio Ambiente dentro do *link* Geral. A primeira notícia é datada de 11 de outubro de 2013. São, portanto, 11 anos de cobertura. *A Folha Metropolitana*, de Joinville, também exibe, no menu do site, o *link* Meio Ambiente. A primeira notícia com a cartola MEIO AMBIENTE é datada de 28 de julho de 2022. São iniciativas que merecem pesquisas específicas sobre conteúdos e discursos, sendo uma delas a de Vieira (2021), que, em Trabalho de Conclusão de Curso, analisa as práticas de jornalismo ambiental nos portais de notícia de Blumenau e região.

A pouca quantidade de pesquisas e veículos encontrados é incompatível com a realidade socioespacial diversa de Santa Catarina e a necessidade de um jornalismo que a interprete. O geógrafo Armen Mamigonian (2003) afirma que, no decorrer do processo histórico, delinearam-se em Santa Catarina três regiões industriais importantes identificadas como a região alemã, o Oeste agroindustrial e a região carbonífero-cerâmica do Sul. Cada uma dessas regiões lida com impactos ambientais comuns, como o desmatamento e a poluição do solo e da água, mas singulares na forma como se expressam

no cotidiano da população. Porém, o jornalismo catarinense não tem abordado tão complexa realidade e parte expressiva das pesquisas científicas localizadas também não leva em conta essas particularidades socioespaciais.

O caminho, para além da oferta de disciplinas eventuais, é levar o estudante a experimentar o cotidiano e o espaço (como produto social) na totalidade do curso. Cotidiano e espaço são aqui tratados na perspectiva marxista, na linha teoria de G. Lukács (1966) e H. Lefebvre (2013). No senso comum, cotidiano é o que ocorre todos os dias, o banal, o corriqueiro, o repetitivo. Mas nele também nasce a ruptura, a possibilidade de transformação social. O novo, afinal, emerge no cotidiano, e é no espaço que este cotidiano, em sua riqueza e miséria, se realiza. As transformações pelas quais passa o jornalismo como fazer profissional e também como negócio, porém, estão afastando o estudante e o jornalista do cotidiano e da experiência vivida no espaço.

A proposição-chave para compreender o espaço lefebvriano assim se coloca: o espaço (social) é um produto (social). Cada sociedade produz seu espaço no processo histórico da produção social, e assim o espaço e o tempo são históricos. O espaço serve tanto de instrumento do pensamento como da ação e, simultaneamente, constitui um meio de produção, um meio de controle e, em consequência, um meio de dominação e de poder (LEFEBVRE, 2013, p. 86). De igual modo, na obra do autor, a explicação de como o espaço é produzido se dá pela interconexão de três dimensões ou três níveis do real: o percebido, o concebido e o vivido, articulados, respectivamente, às práticas espaciais, às representações do espaço e aos espaços de representação (LEFEBVRE, 2013, p. 97). A compreensão desta tríade conceitual percebido-concebido-vivido pode permitir ao estudante movimentar-se no espaço de modo crítico, aspirando, na produção jornalística, à interpretação do fato em sua totalidade, na linha teórica do jornalismo como forma de conhecimento cristalizada no singular (GENRO FILHO, 1989), relação desenvolvida em Abreu (2019).

Para isso, o caminho, no ensino, na pesquisa e na extensão, é constituir possibilidades de experiências na perspectiva de Heidegger, como algo que nos acontece, nos alcança, se apodera de nós, nos tomba e nos transforma: “Cuando hablamos de «hacer» una experiencia, esto no significa precisamente que nosotros la hagamos acaecer; hacer significa aquí: sufrir, padecer, tomar lo que nos alcanza receptivamente, aceptar, en la medida en que nos sometemos a ello. Algo se hace, adviene, tiene lugar (1987, p. 143).

Bondía (2002) assinala que a experiência é cada vez mais rara pelo excesso de informação, pelo excesso de opinião, por falta de tempo e por excesso de trabalho. A experiência requer um gesto de interrupção quase impossível no tempo presente, mas é por ela que passa, diz o citado autor, a “abertura para o desconhecido” (BONDÍA, 2002, p. 19). Essa abertura para o desconhecido, o singular, o novo no cotidiano e no espaço é imprescindível para renovar o jornalismo. No ensino, na pesquisa e na extensão, um dos caminhos possíveis é sair da sala de aula e experimentar a rua, a chamada periferia, os lugares de expressão do conflito e da festa, como as caminhadas peripatéticas em percursos urbanos descritas em Peres. O autor afirma que a experiência pelo corpo, e não somente letrada, é vida pulsante, conhecimento vivido que deixará marcas indeléveis no estudante para além da academia: “(...) é totalidade que vai se formando e que somente ele pode vivenciar e passar adiante, como um marinheiro que viajou muitos mares e só a partir daí, para além da cartografia científica e ensinada por fontes secundárias e laboratoriais, começa a compreender o mundo como é construído” (PERES, 2019).

Para este movimento, é imprescindível que o estudante, já nas fases iniciais, conheça a realidade socioespacial do estado, do país, do mundo sob a globalização e seus impactos sociais e ambientais e possa se posicionar de forma crítica, para além da mera soma de informações sem conexão entre si que muitas vezes caracteriza o ensino fundamental e o médio³. É uma articulação do ensino, pesquisa e extensão nos cursos de jornalismo que se apropria das três dimensões que o estudante e o jornalista devem explorar para o espaço se fazer presença no texto em sua totalidade, na perspectiva de H. Lefebvre: a prática social (percebido), o conhecimento/pensamento (concebido) e a prática criadora (vivido), elucidando assim, no fazer jornalístico, a experiência vivida no espaço.

³ Uma atividade nesta linha foi o minicurso “Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo: Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação do Espaço Urbano” oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC em novembro de 2022. O minicurso teve dois momentos: aulas teóricas e saída de campo na Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis. Na sequência, cinco participantes toparam a proposta de escrever sobre a experiência e as reflexões dela decorrentes, compondo uma publicação com quatro textos. Disponível em: <https://ppgas.paginas.ufsc.br/files/2023/01/Etnografia-Jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

REFERÊNCIAS

ABREU, Míriam Santini de. **Espaço e cotidiano no jornalismo**: crítica da cobertura da imprensa sobre ocupações urbanas em Florianópolis. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PJOR0134-T.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 out. 2024.

COLLATO, Camila. **Jornalismo ambiental em Santa Catarina**: direitos humanos e da natureza sob a perspectiva dos grupos RBS e NC. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254439>. Acesso em: 27 out. 2024.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo, Porto Alegre: Tchê, 1989.

HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: **De camino al habla**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Espanha: Capitán Swing, 2013.

LOTH, Moacir. A cobertura de meio ambiente no *Jornal de Santa Catarina*. In: ROSA, Edson et al. **Território e texto**: jornalismo ambiental em Santa Catarina. Florianópolis (SC): Pobres & Nojentas; Letra Editorial, 2023, p. 89-90.

LUKÁCS, Georg. **Estética I**: la peculiaridad de lo estético. Barcelona, México: Edições Grijalbo, 1966.

MAMIGONIAN, A. **Projeto integrado de pesquisa**: Santa Catarina – sociedade e natureza. Relatório final de pesquisa. Florianópolis, 2003.

PERES, Lino Fernando Bragança. **Percursos urbanos**: caminhar para desvendar a cidade. Disponível em: <http://professorlinoperes.com.br/pagina/1019/percursos-urbanos-caminhar-para-desvendar-a->. Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de e VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**. Porto Alegre [online]. 2020, vol.43, n.3. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-25822020000300005&script=sci_abstract. Acesso em: 20 out. 2024.

VIEIRA, V. P. **Meio ambiente em pauta**: uma análise sobre as práticas de jornalismo ambiental nos portais de notícia de Blumenau e região. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Jornalismo, Universidade Regional de Blumenau, FURB, Blumenau, 2021. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/MO/2021/368395_1_1.pdf . Acesso em: 31 jan. 2024.